

MONUMENTO À GOIÂNIA: OUTRO OLHAR SOBRE SUA TRAJETÓRIA

Maria Madalena Roberto Cabral
cabralmada@hotmail.com

Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás - FAV/UFG

Maria Elizia Borges
maelizia@terra.com.br

Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás - FAV/UFG

Resumo

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar outro olhar sobre a História do *Monumento à Goiânia*, escultura instalada no espaço urbano da Capital de Goiás. O processo de instalação dessa Arte Pública, desde a sua concepção até a sua inauguração, é repleto de informações contraditórias. As consequências são narradas nas matérias divulgadas nos dois principais jornais dessa Capital. Atualmente, esse monumento é consagrado um cartão postal e sua imagem é cenário constante nos meios de comunicação. O *Monumento à Goiânia* registra a história de formação do povo goiano, entretanto a sua aceitação pela sociedade percorreu uma longa trajetória.

Palavras-chave: arte pública; monumento; escultura; espaço urbano; Goiânia.

Abstract

This communication purpose to introduce another point of view above the History of the *Goiânia's Monument*, sculpture installed in a urban space of the Capital of Goiás. The installation process of that Public Art, since conception until inauguration, is full of conflicting information. The consequences are narrated on the papers of two principal news of that Capital. Actually, this monument is anoint a postal card and its image is constant scene on the media. The *Goiânia's Monument* register the History of "goiano" people formation, however its acceptance by society covered a long trajectory.

Keywords: public art; monument; sculpture; urban space; Goiânia

Introdução

Monumento à Goiânia é a primeira escultura de livre expressão instalada em espaço urbano da nova Capital de Goiás. Considerado pelos goianienses o cartão postal de Goiânia é a obra mais expressiva da escultora goiana Neusa Moraes. A obra representa a miscigenação de três raças - o índio, o negro e o branco - trabalhando na construção de uma cidade. Inaugurada no dia 03 de novembro de 1967, sexta-feira. Nomeado pelos goianienses de "Monumento às Três Raças", "Três Raças", "Monumento ao Trabalhador", "Monumento aos Construtores" e "Os Negrões" (Bronze e Granitina, 700 x 310 x 470 cm). A escultura pública ocupa no Plano Urbanístico de Atilio Corrêa Lima o marco inicial da Cidade.

A força dessa união está firmada no centro da Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira, antiga Praça Cívica, de onde pôde, por algumas décadas, observar o poder em exercício no Palácio das Esmeraldas e no Palácio

das Campinas, sedes do governo estadual e municipal. Essa última ali permaneceu até dezembro de 2000, quando foi transferida para sede construída para abrigá-lo, com a denominação de Palácio das Campinas Venerando de Freitas Borges - Paço Municipal (CABRAL, 2008:147).

Goiânia é uma cidade planejada para abrigar a Capital do Estado de Goiás. A idéia de transferência da cidade de Goiás, antiga Capital desse Estado, foi iniciada, em 1754, mas somente viabilizada, em 04 de julho de 1932, pelo então Interventor Dr. Pedro Ludovico Teixeira. Essa idéia, “não constituía novidade” (UNES, 2001: 55), entretanto, a idéia - não somente de transferir a Capital, mas - de construir uma Cidade para ser a nova Capital surge na fala desse Governador. Ferreira transcreve a entrevista do Interventor ao Diário da Noite, que afirma “Desde que empreendemos fazer a mudança da Capital fá-lo-emos para uma cidade construída especialmente para esse fim” (1980: 140).

A nova Capital de Goiás foi inaugurada, em 24 de outubro de 1933, data do lançamento da Pedra Fundamental, onde está edificado o Palácio das Esmeraldas, sede do Governo Estadual. Oficialmente inaugurada, em 05 de julho de 1942, com uma festa denominada de *Batismo Cultural*. O estilo *Art Déco* foi selecionado para os projetos arquitetônicos. Coelho relata que: “Era o Art Déco o modelo que melhor representava o ‘desenvolvimento’ proposto por Vargas” (2002: 107). A construção de Goiânia vai ao encontro dos ideais do Presidente Getúlio Vargas onde a modernidade e o progresso eram palavras de ordem no Brasil do Estado Novo. Como afirma Chaul: “Goiânia era a representação maior do ‘nacionalismo’, do ‘bandeirantismo’, da ‘sagacidade’ do brasileiro, termos cantados e decantados pelos ideólogos do estadonovismo” (2002: 233-4).

Goiânia contou com três Planos de Urbanização, traçado por autores e concepções distintas. O primeiro plano, 1933-1935, foi projetado pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, seguindo o modelo das cidades da França; o segundo, 1936, do engenheiro civil Armando Augusto de Godói, o das cidades-jardins da Inglaterra e o terceiro plano projetado pelos engenheiros irmãos Coimbra Bueno - Abelardo Coimbra Bueno e Jerônimo Coimbra Bueno.

O plano urbanístico de Atílio Corrêa Lima, sócio e representante da empresa P. Antunes Ribeiro e Cia, do Rio de Janeiro, foi iniciado pelo núcleo

central ou centro cívico de onde nasce e se expande a cidade, atual Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira. A praça de onde convergem as principais avenidas dessa Cidade, a Avenida Goiás, Araguaia e Tocantins foi concebida com a finalidade de exibir demonstrações cívicas. É com esse modelo de cidade ordenada, com uma disposição geométrica e de amplas avenidas que “Atilio revela atenção à estética ao conceber o Centro Administrativo com sua praça em forma de ferradura, ponto de encontro das avenidas radiais” (DAHER, 2003:40).

No relatório que Lima encaminhou ao Interventor, em 10 de janeiro de 1935, encontra-se a descrição da praça localizada no núcleo inicial e as diretrizes a serem realizadas no espaço que inclui a instalação de um monumento. O item é denominado “PRAÇAS” onde está descrito:

As praças obedecem ao sistema da circulação giratória, (...). A praça principal do centro administrativo, que não está sujeita a trânsito intenso, apresenta um caráter monumental. (...). No cruzamento dos eixos das Pedro Ludovico, Araguaia, Tocantins, 10, 26, 34 e 35, deverá ser erigido futuramente um monumento comemorativo das bandeiras, descobertas, e das riquezas do Estado, figurando como homenagem principal a figura de Anhangüera (LIMA, 1979: 142).

Concepção e autoria

O *Monumento à Goiânia* é considerado o marco inicial na trajetória artística de sua idealizadora, a escultora Neusa Rodrigues Moraes (Goiás - GO, 1932 - Goiânia, 2004). A obra representa um tributo à raça brasileira. As três figuras levantando o marco simbolizam aqueles que ajudaram a construir a Capital. A idealização de homenagear a Capital no cinquentenário do Batismo Cultural foi do Rotary Club, entretanto o Governo Estadual e a Prefeitura de Municipal são parceiros nessa consolidação. A proposta do Rotary era homenagear o imigrante, a artista argumenta que seria válido homenagear também o negro e o índio e a sugestão foi aceita. Neusa comenta que:

a obra refere-se ao trabalhador, o imigrante que veio para Goiás implantar aqui seu novo lar, retratado na pessoa do branco; figura ali também o índio, antigo senhor das terras brasileiras, porque não dizer goianas, e por fim, uma homenagem ao negro que embelezou as páginas literárias brasileiras, inspirando escritores, através das histórias, da mãe preta (O Popular, 7 jan. 1990, Caderno 2).



Figura 1
Monumento à Goiânia
Neusa Moraes
1967, Bronze
700 x 310 x 470 cm
Fotografia:
Acervo da autora
2008

Neusa Moraes graduou-se em Artes na Escola de Belas Artes de São Paulo, onde se especializa em Escultura. Professora na Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG, de 1971 a 1993. Iniciou sua pesquisa escultórica realizando um trabalho neoclássico e depois arte moderna em estilo realista e expressionista. Dividiu seu trabalho em fases que abrange o figurativo e o abstrato geométrico. Explorou com harmonia os opostos das superfícies planas e em relevo, criando diferentes texturas. Consagrou-se como uma escultora do bronze, mas utiliza, também, a esteatita e a madeira. Selecionou, nos anos oitenta, a madeira de várias regiões brasileiras para realizar uma pesquisa que resultou na produção de obras onde se pode encontrar 33 tipos diferentes de madeira criando expressivos contrastes de cores em tons claros e escuros.

Em entrevista ao escritor Miguel Jorge, após receber o Grande Prêmio Governador do Estado, melhor obra escultórica, no XLII Salão Paulista de Belas Artes, em 1977, Neusa comenta sobre a importância da pesquisa:

O artista não vê a técnica como algo imutável; há que fazer experiências - trabalhar diferentes materiais - inferir novos processos - novas técnicas em seu trabalho, descobrindo novas expressões. Isso o faz crescer e tornar-se mais amadurecido no seu domínio (Idem, 15 jan. 1978, p. 8).

O ato de criação e elaboração do *Monumento à Goiânia* se desenvolve nas seguintes etapas: definição do tema, estilo e material a ser empregado; sessão de fotos para a marcação das posições de cada personagem com os movimentos de cabeças, pernas, pés, braços e mãos ao sustentar a coluna;

desenhos - esboços; produção da maquete; construção das armações de ferro; modelagem com palha; aplicação de gesso; fundição em bronze e aplicação de uma camada de pátina para preservar o bronze e dar a cor desejada.

Para a sessão de fotos posam como modelos dois grupos. O primeiro composto por Professores da Escola Técnica Federal de Goiás, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET e o segundo formado por primos da artista. A matéria “Fim do Anonimato”, com entrevista, nomes e fotografias dos professores ‘modelos’, Neusa recorda que “não reproduziu um corpo específico e que as fotos serviram apenas para orientá-la na marcação das posições e estudo da musculatura na situação que desejava reproduzir” (Idem, 19 out. 2003, p. 7). A maquete é submetida à aprovação dos Presidentes dos Clubes que aprovam o modelo. A artista solicita o apoio do professor e escultor Ritter que, também, aprova a composição e a aconselha a executar o trabalho em São Paulo.

Instalação

A pretensa data para a inauguração do Monumento seria 06 de julho de 1967, como apresenta na placa afixada no suporte. Entretanto, por um atraso da Fundação Artística Paulistana, em São Paulo, são entregues pelo Expresso Universo apenas duas das três figuras que compõem o Monumento, o branco e o índio. Essas duas estátuas são instaladas no dia cinco de julho conforme o divulgado: “Figuras do ‘Monumento aos construtores’ serão montadas” (Idem, 05 de julho de 1967). Este foi o primeiro artigo reportando que duas figuras serão instaladas naquele dia, a terceira em poucos dias e que a inauguração aconteceria ainda em julho. No dia seguinte a primeira página desse jornal expõe uma ilustração do Monumento e abaixo as legendas:

Destinado a homenagear os pioneiros da Cidade - que ontem completava o primeiro jubileu de seu batismo cultural - o monumento do Rotary Clube, edificado na Praça Cívica, para simbolizar o esforço da construção de Goiânia, chegou à sua fase final de implantação. As duas figuras de bronze, sustentando o obelisco, foram ajustadas ontem no seu pedestal (Idem, 06 jul 1967).

O primeiro ato de estranhamento ao *Monumento à Goiânia* surge com a ocupação do espaço onde está instalada a Luminária, da década de 40, projetada por José Neddermeyer, engenheiro-arquiteto, com características do *Art Déco*. A Luminária semelhante a um obelisco foi idealizada para homenagear os trabalhadores anônimos que construíram Goiânia. O jornal Cinco de Março publicou na coluna “Café de Esquina” a *charge* “Aprenda a ver as coisas” comentando sobre a atitude dos governos autoritários impondo a *não arte* aos olhos goianienses, pois foi retirado um obelisco da época da construção da Capital para ceder espaço aos negrões pelados (10 jul. 1967). Essa coluna era assinada por Zeca Nacionalista e Zé Chapabranca com ilustração de Fróes.

O escritor-jornalista Carmo Bernardes publica o artigo “Deu azar no Monumento” comentando que o Rotary Clube, responsável pela encomenda do objeto recebeu vinte milhões dos Governos Estadual e Municipal. E, continua com o enfoque da nudez. “(...) eram para ser postos aprumando o poste foram esculpidos peladinhos como se nasce, e pretos que alumeia. (...) Deliberaram cortar as partes-de-baixo dos dois, sem atinarem que as estátuas eram ôcas” (Cinco de Março, 31 jul. 1967, p. 11).

A especulação sobre a possibilidade de remover o monumento da praça, como exibe Café de Esquina, “O Otávio decidiu mandar tirar os Negrões da Praça Cívica” (Idem, 15 jul 1968), mais de um ano após a sua afixação em Praça, também, não indica credibilidade. Quanto ao custo e doação de verba pelos Governos Estadual e Municipal, também, é exagerada. O valor do monumento é de 65 mil cruzeiros novos, moeda da época, o Governo Estadual arcou com dez mil (Diário da Manhã, 02 dez. 1999, p. 4-5).

A data de afixação da terceira figura não é citada nos jornais da época, mas pelo artigo “Inaugurado o Monumento à Goiânia” onde temos a fotografia com texto na primeira página “O Monumento à Goiânia - homenagem às três raças que a construíram - (o negro, o branco e o índio) foi inaugurado ontem” (O Popular, 04 nov. 1967). O impresso do Boletim mensal do Rotary traz na capa a imagem do Monumento e abaixo a legenda: “A homenagem dos Rotary Clubes de Goiânia e Goiânia-Oeste, aos construtores desta linda Capital, está perpetuada neste monumento erigido na Praça Cívica” (nov. 1967). O

monumento “concebido para ser inaugurado há alguns meses, mas somente agora podemos fazê-lo, tem sua motivação, sua razão de ser” (nov. 1967, p. 3).

Inauguração e consequências

A solenidade de inauguração do *Monumento à Goiânia* contou com a presença do Sr. Jacy de Assis, representando o Governador Otávio Lage de Siqueira; Íris Rezende Machado, Prefeito de Goiânia; Dr. Luiz Rassi, Presidente do Rotary Goiânia; Elias Daher, Presidente do Rotary Goiânia-Oeste; Venerando de Freitas Borges, Primeiro Prefeito de Goiânia; da escultora Neusa Moraes, criadora do monumento e de convidados. A data divulgada para a sua inauguração foi o dia 06 de julho durante as comemorações do Batismo Cultural como apresenta a placa afixada no suporte.

Para entender a recepção desse Monumento é necessário conhecer um pouco da Arte Pública vista em Goiânia antes de 1967. A primeira Arte Urbana, em 1937, foi o busto em estilo neoclássico do Dr. Pedro Ludovico Teixeira localizado em frente ao Palácio das Esmeraldas. Para o Batismo Cultural são edificadas, também, no Centro Cívico, em estilo *Art Déco*, três Luminárias, sendo que uma Luminária central e maior localizada no marco inicial da Cidade; o Coreto e no início da Avenida Goiás o Relógio. Em 09 de novembro de 1942, foi inaugurado o *Monumento aos Bandeirantes*, estátua localizada na Praça do Bandeirante, na Avenida Anhanguera. Sobre a ideia de se erigir monumentos Miriam relata que: “um monumento se caracteriza pelo valor comemorativo de caráter episódico e abrangência coletiva” (ESCOBAR, 1998, p. 37).

A publicação *A escultura pública de Porto Alegre: história, contexto e significado*, 2004, resultado de Mestrado em Artes de José Francisco Alves apresenta alguns conceitos sobre Arte Pública. Um desses conceitos relata sobre a instalação de monumentos comemorativos “a partir do advento da Arte Moderna, como estratégia de embelezamento urbano e sinal de cultura dos povos” (ALVES, 2004: 25-26). A artista plástica Maria Bonomi em sua tese apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, em 1999, *Arte Pública - Sistema expressivo/Anterioridade*, traz a

formulação de um conceito das manifestações em espaço urbano, onde escreve que:

A arte pública não enfeita a cidade nem a transforma num museu ao ar livre. Ela pressupõe muito mais do que isso. Ela se impõe o dever de resgatar a formação do olhar da população e ao mesmo tempo o de se adequar ao entorno por sua inserção social no urbano (BONOMI, 2007: 27).

Muitos comentários, ironias e ‘brincadeiras’ são dirigidas ao Monumento quando de sua parcial instalação, entretanto o texto mais denso veio após a sua inauguração. O Crítico de Arte Aloísio Peixoto questiona a possibilidade de ter sido realizado um concurso, pois acredita que Ritter, Maria Guilhermina, Ana Maria Pacheco e Angelos Ktenas apresentariam esculturas dignas de Goiânia. Com o título “O Monumento a Goiânia é igual às estátuas de túmulos fundidos em série” Sá Peixoto redige um artigo que é publicado no jornal Cinco de Março, onde registra:

O tratamento escultórico das figuras de bronze, a solução da problemática do simbolismo do grupo é bem igual às estátuas de túmulos fundidos em série, sem concisão plástica, sem ritmo de movimentos, sem poder expressivo. (...). Aliás, as figuras em bronze não representam as raças com as suas características étnicas. São todas iguais. (...). As figuras inicialmente estavam nuas, apresentando visível o realismo de certos órgãos. A falsa pudicícia exigiu que fossem retiradas, mutiladas, vestidas de calções (20 nov. 1967, p. 3).

As críticas continuam nas charges do jornal Cinco de Março. No Natal desse ano o Monumento recebe a visita de ‘Papai Noel’ trazendo três ternos para presenteá-los (Idem, 25 dez. 1967).

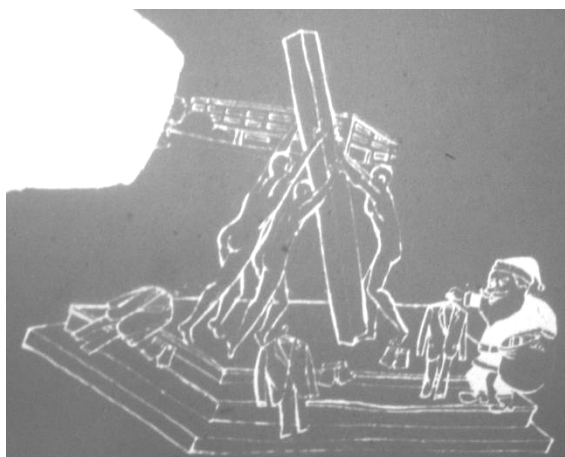


Figura 2
Charge do Monumento à Goiânia
Coluna Café de Esquina
Jornal Cinco de Março
1967

No ano seguinte o jornalista Antônio de Moura escreve que o monumento “cansando muito a paisagem. (...). Um autêntico presente de grego. Debochados a valer, envergonham a cidade” (Idem, 19 fev. 1968, p. 4-5). Não justifica o artigo comentado que as personagens foram esculpidas nuas e posteriormente vestidas. O que se pode afirmar diante das imagens divulgadas nos jornais é que as figuras permanecem iguais às da época de sua instalação e inauguração.

Em 25 de julho de 1978 o Monumento sofreu mais uma violência, agora em sua estrutura física. Vândalos passam nas estátuas uma mistura de cola e tinta. A artista se dirige ao local visando a avaliar os danos e iniciar a higienização, contando com o auxílio de servidores municipais, utilizando solvente, formões e outros produtos químicos.

O *Monumento à Goiânia* foi retirado da Praça, pela Prefeitura da Cidade, em setembro de 1997. As personagens do índio, negro e do branco são levadas para o Atelier da artista para serem restauradas retornando, em 21 de outubro do mesmo ano. Concluído o restauro é aplicada uma camada de pátina no bronze e revestimento de granitina na coluna. O pedestal recebe uma iluminação especial e uma rampa para o acesso de portadores de necessidades especiais. A artista comenta que o Monumento foi idealizado “para ser uma escultura lúdica, para ser tocado pelas pessoas, mas sem danificar”. Neusa acredita que um espelho d’água evitaria tais danos (O Popular, 11 out. 1997).

A campanha “Eleja Goiânia” é outra polêmica envolvendo o Monumento. Promovida pelo Banco Itaú e a Secretaria Municipal de Turismo de Goiânia, em 1999, convoca a comunidade para eleger um símbolo capaz de caracterizar a Capital. Nas cédulas a população pode votar em uma das seis opções indicadas ou no espaço em branco sugerir outra. Entre as opções encontravam-se: o Monumento aos Bandeirantes, Monumento às Três Raças, Bosque dos Buritis, Parque Vaca Brava, Praça Cívica e Antiga Estação Ferroviária. Segundo José Guilherme Schwan, na época Secretário de Turismo, a campanha tinha como objetivo a eleição do “local mais apropriado para ser o símbolo da Capital, o ícone da Cidade” (Schawn, 2009).

“O ícone eleito foi o Bosque dos Buritis, o Monumento à Goiânia foi o segundo colocado e a Antiga Estação Ferroviária ficou em terceiro lugar,

resultado da votação de 360 mil cédulas, aproximadamente” (Idem, 2009). O Banco Itaú patrocinou essas campanhas em mais nove capitais brasileiras. Em defesa do *Monumento à Goiânia* o médico Luiz Rassi, principal responsável pela instalação desse Monumento, escreve um artigo argumentando que “Goiânia já tem o seu símbolo oficial. [...] erigido no marco mais central da Praça Cívica como se fora o marco zero da capital que, por si só, é, também, um símbolo que caracteriza o nascimento da cidade”. (Diário da Manhã, 23 nov. 1999, p. 4).

Considerações finais

A concepção de ‘novo’ está presente na construção da nova Capital de Goiás e na recepção do *Monumento à Goiânia*. Nas duas oportunidades a sociedade demonstra a sua ‘hostilidade ao novo’. Como observa a historiadora da arte e crítica de arte Radha Abramo que o diálogo entre arte e observador vai sendo sedimentado no olhar contínuo, pois “o transeunte, o pedestre, não contempla uma obra de arte pública: ele vai absorvendo a peça aos poucos e ela vai se formando aos pedaços em sua memória” (ABRAMO, 1998: 47).

Na dissertação “*Imagem símbolo*” - função da escultura figurativa urbana Anahy Jorge Aucê pesquisa sobre outra função dos monumentos ao serem apropriados pela mídia. Argumenta que “alguns monumentos sobrevivem à própria função originária e, reduzidos a imagem simbólica das cidades onde foram erigidos, passam a representá-la simbolicamente nos anúncios publicitários (1998:13).

O *Monumento à Goiânia* é, certamente, um cartão postal dessa Capital. Esse monumento é, atualmente, uma obra de arte pública aceita pela sociedade e sua imagem é cenário constante nos meios de comunicação. Entretanto, sua função principal de registrar a história de formação do povo goiano, ainda está presente na memória de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Radha. Praça da Sé, cidade universitária, metrô. In.: **Arte pública**. São Paulo: Sesc, 1998, 321 p.

ALVES, José Francisco. **A escultura pública de Porto Alegre**: história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004, 264 p.

CABRAL, Maria Madalena Roberto (org.). **Iconografia**: documentação histórica e fotográfica do acervo artístico no município de Goiânia. Goiânia: Talento, 2008, 196 p.

CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção de decadência aos limites da modernidade. Goiânia: UFG, 2002, 289 p.

COELHO, Gustavo Neiva. Art Déco e a política modernizadora na fundação de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.). **Goiânia**: cidade pensada. Goiânia: UFG, 2002, 188 p.

DAHER, Tânia. **Goiânia, uma utopia européia no Brasil**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003, 323 p.

ESCOBAR, Miriam. **Esculturas no espaço público em São Paulo**. São Paulo: Vega, 1998, 232 p.

FERREIRA, Joaquim Carvalho. **Presidentes e Governadores de Goiás**. Goiânia: UFG, 1980, 188 p.

BONOMI, Maria. Arte Pública - sistema expressivo/Anterioridade. In.: LAUDANNA, Mayra. **Maria Bonomi**: da gravura à arte pública. São Paulo: Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, 420 p.

LIMA, Atílio Corrêa. Relatório do Plano Urbanístico de Goiânia. In.: MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1979, 664 p.

SCHWAN, José Guilherme. Entrevistado por Maria Madalena Roberto Cabral, Goiânia, 2009.

UNES, Wolney. **Identidade art déco de Goiânia**. Goiânia: UFG, 2001, 200 p.

Dissertação

AUCÊ, A. M. J. **“Imagem símbolo”** - função da escultura figurativa urbana. Dissertação (Mestrado em Arte Publicitária e Produção Simbólica) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, 178 p.

Jornais

BASTOS, R. de. Atraso na restauração do Monumento às Três Raças. **O Popular**, Goiânia, 11 out. 1997, Caderno 2, p. 7.

BERNARDES, C. Deu azar no monumento. **Cinco de Março**, Goiânia, 31 jul. 1967, p. 11.

CUSTÓDIO, B. de. Eleja Goiânia e a fraude histórica. **Diário da Manhã**, Goiânia, 02 dez. 1999, Especial, p. 4-5.

GOMES, M. Um olhar mágico pela Cidade. **O Popular**, Goiânia, 07 jan. 1990, Caderno 2.

JORGE, M. Neusa de Moraes. **O Popular**, Goiânia, 15 jan. 1978, Suplemento Cultural, p. 8.

MOURA, A. J. de. Goiânia a mesma praça, o mesmo banco e as mesmas caras. **Cinco de Março**, Goiânia, 19 fev. 1968, p. 4-5.

O POPULAR. Inaugurado o Monumento à Goiânia. **O Popular**, Goiânia, 04 nov. 1967, Capa.

OLIVEIRA, C. de. Fim do Anonimato. **O Popular**, Goiânia, 19 out. 2003, p. 7.

PEIXOTO, A. S. O Monumento à Goiânia é igual às estátuas de túmulos fundidos em série. **Cinco de Março**, Goiânia, 20 nov. 1967, p. 3.

RASSI, L. de. Monumento a Goiânia - símbolo da capital. **Diário da Manhã**, Goiânia, 23 nov. 1999, DMRevista, p. 4.

NACIONALISTA, Z. et all. Aprenda a ver as coisas. **Cinco de Março**, Goiânia, 10 jul. 1967, Café de Esquina.

_____. **Cinco de Março**, Goiânia, 25 dez. 1967, Café de Esquina.

_____. O Otávio decidiu mandar tirar os Negrões da Praça Cívica. **Cinco de Março**, Goiânia, 15 jul 1968, Café de Esquina.

Construtores de Goiânia homenageados pelos Rotarianos. **Rotary Club de Goiânia**, Boletim mensal, Goiânia, nov. 1967, p. 3.

Figuras do 'Monumento aos construtores' serão montadas. **O Popular**, Goiânia, 05 jul 1967, 1ª p.

O Popular, Goiânia, 06 jul 1967, 1ª p.

CURRÍCULO

Maria Madalena Roberto Cabral

Pesquisadora na Divisão de Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura de Goiânia. Mestranda em Cultura Visual - FAV (2008). Especialização em Planejamento Educacional, Faculdades São Gonçalo - RJ (1991). Licenciatura em Desenho e Plástica - FAV (1980). Organiza a publicação *Iconografia: documentação histórica e fotográfica do acervo artístico no município de Goiânia*, 2008.

Maria Elizia Borges

Professora de História da Arte e orientadora no Mestrado em Cultura Visual, FAV/UFG e na Faculdade de História - FFCH/UFG. Pesquisadora do CNPq. Publicou *A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República*. Franca: UNESP/Franca, 1999; *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. Membro do CBHA, da ANPAP, da ABCA, da AGS e da ABEC. Site: artefunerariabrasil.com.br.